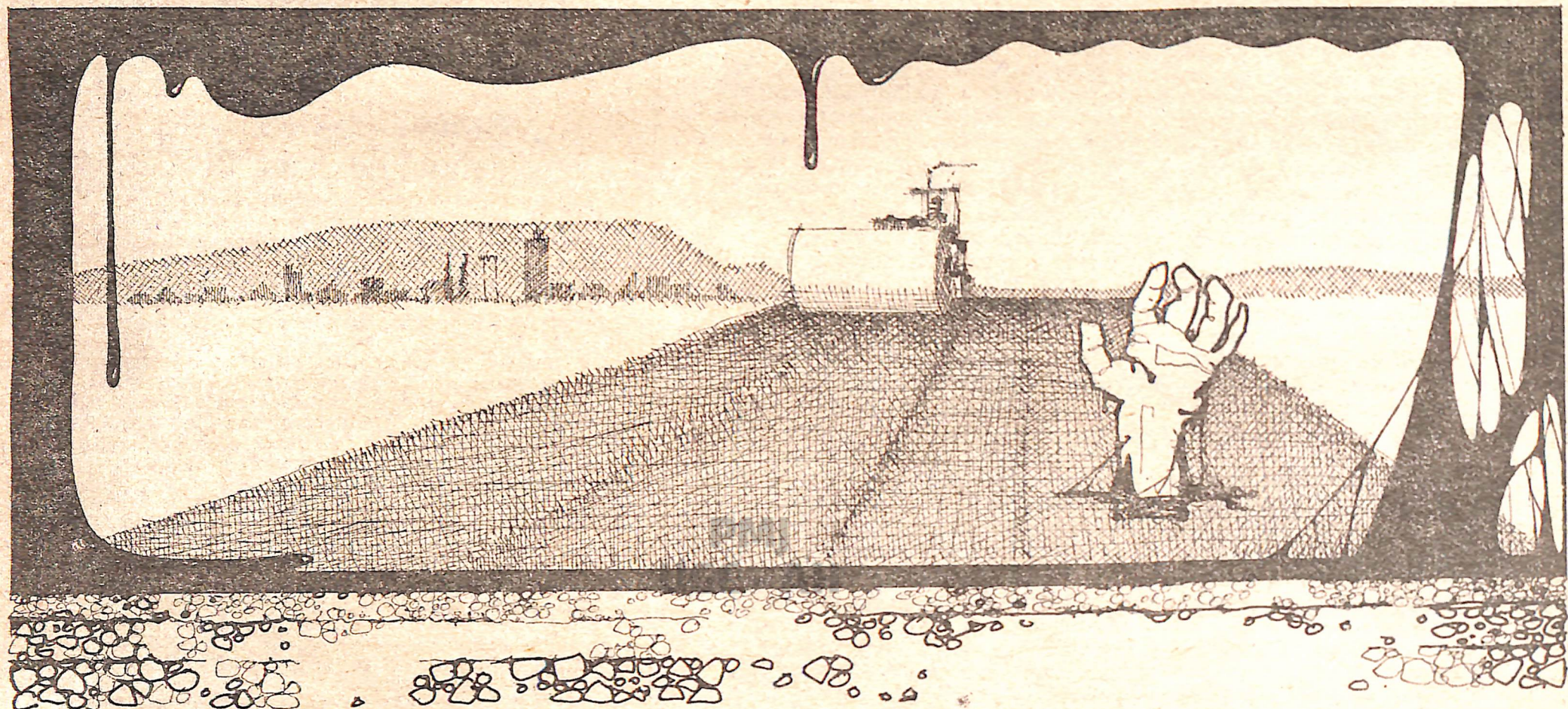


JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 20 A 27 DE JULHO DE 1975 — N.º 3



Um bom esporte: mãos ao alto

(Pág. 9)

O ASFALTO COMEÇOU

(Págs. 6 e 7)

Quem ganhou as convenções: ARENA ou MDB?

(Pág. 4)

Sandro Vaia, Erazê Martinho & Bartimeu

ENTREVISTA COM SÍLVIO CALDAS

(Págs. 10 e 11)

Maria de Lourdes, mas pode me chamar de Tonicão

Eu tinha uma tia (hoje Deus a tem) que só me encontrava em dias de carnaval, a gente quase nunca se via. Em consequência disso, ela me julgava, carinhosamente, um eterno pinguço, travestido de mulher e que vivia beijando o povo na boca.

Dadas as circunstâncias dos nossos encontros, ela tinha a sua parte de razão. Mas, se ela via as pingas que eu bebia, não via os tombos que eu levava.

De certa forma, minha imagem como colaborador deste e de outros jornais é mais ou menos a mesma: basta trocar a cachaca, o vestido e os beijos por piadas e sarcasmo e aí está o engraçadinho escriba que se assina Erazé.

Acontece que hoje a minha áurea está cor-de-cinza. Pelas razões mais diversas, uma delas os comentários que ouvi sobre o resultado da última reunião arenista, quando foi composta a executiva do partido.

"Shame!", como disse a CBS diante do assassinato de Kennedy, the first.

Criticava-se, nesses comentários, o sr. Pedro Fávoro pela inabilidade com que cedeu a presidência ao dr. Rubens de Lucca. Voltava-se a temer o sr. Ibis Cruz pela sua ressurreição das cinzas da convenção do dia 13.

E, concluíam os comentaristas, balançando bovinamente a cabeça e muxoando: "Política é fogo!".

Eu não acho que política seja fogo. E, vejam bem, não tenho filiação alguma: no tempo em que deveria ter me filiado (quando havia a que se filiar) eu estava a-toa, vendo as b...ndas passarem.

Mas é preferível estar a-toa, do que proceder a-toamante.

Final, o prefeito é realmente o "hombre malo", ou simplesmente alguém que está ocupando o posto que os outros "malos" querem assumir?

Final, o remanejamento, as reformulações da Arena são a tentativa séria de assumir a direção política (leia: popular) da coisa pública, em

face do justo revés de 15 de novembro passado, ou a mera transação de aconchavos pra ver quem vai transar as concorrências públicas da próxima gestão?

Por favor, não me venham com essa de que "o jogo político é isso aí, que é preciso agir com astúcia, que o importante é negociar".

Maquiavel era mais honesto, ecco! Ou os Borgia, se preferirem algo mais forte.

Vergonha! Pra mim é isso: vergonha, o que aconteceu na reunião dos representantes locais do partido que governa os brasileiros.

E se ainda é desculpável a artimanha do "hombre malo" para impedir o naufrágio do seu esquema, são imperdoáveis a "inabilidade" e a "astúcia" dos Robin Hood de araque que, para conquistar a frágil cidadela de uma sublegenda, ajudam, de latinha em punho, a tirar água do barco que a vontade majoritária dos convencionais torpedeou, no dia 13.

Muito mais coerente é o MDB, que se aglutina, se soma positivamente, que realiza uma escolha até a priori da sua Executiva (já se sabia antes quem seriam os escolhidos), baseada num alvo, esse sim, político (no verdadeiro sentido): a chegada ao poder, para tentar levar a bom termo um programa partidário cujas premissas maiores o povo aprovou, pela via das urnas, em 15 de novembro. E isso é um fato, sacramentado pela Justiça Eleitoral, irreversível.

Nas altas esferas, na cúpula da Arena nacional se fala em "criatividade política". Nas reuniões das províncias (que dão a soma nacional) se negociam sublegendas a qualquer preço.

E eu vou botar fé nessa gente? Sai pra lá.

Garção, traz uma Japi. Morena, me empresta o teu vestido esporte.

E viva o Zé Pereira, até que um conselho de íntegros (quá, quá, quá) resolva me botar pra fora do salão, viu tia?

Erazé Martinho



Arena, coluna do meio, PNCDP

... era uma vez um garçon ou garção cujo nome era Dubzeli (grego); De tanto derrubar copos e quebrar pratos Serviu um dia a mesa errada E foi despedido... (não rimou mas é verdade!) (do Haiti para o mundo): ... via Taça Press Psiu ó garçon, manda a primeira: Plim, tlim...

Um velho cometa, o de Halley, cruzou os céus e desapareceu; o infinito era pequeno demais para sua velocidade da "avis rara", mas em nossos olhos ficou o seu brilho e em nossos corações sua eterna lembrança (brinde de um amigo para outro) hic, hip, hurra! Psiu, psiu, ó garçon, manda a segunda. Plim, tlim, ou tlim plim...

Um pelicano cruzou os seus, não proliferou e desapareceu; o rio dos Jundiás era pequeno demais para a voracidade da "avis rara", mas em nossos olhos ficou gravado o seu grande bico e em nossos bolsos... nada, nada, nada!!! (brinde de um ornitólogo para uma ave de arribação) hic, hic, hip, hip, hurra!

Psiu, PSIU ó DUBZELI, garção incompetente, manda a terceira, que vai descer fácil, fácil, hic, hiC, hiC, hip, HIP, HIP, Hurra, hurra, HURRA!!! "In vino veritas"

Adiós muchacos, ex-compañeros de mi vida, como diria Lopes Rega, na atual conjuntura portenha...

PNCDP

Nota da redação (Plasma nos corações dos prejudicados)

Larte F. S. Ribeiro

Canto Chorado

Quem vai pagar o pato?

Sim senhores, a incontida curiosidade do pessoalzinho que geme ao peso dos impostos é para saber, quem é que vai pagar o pato?

O meritíssimo disse naquele decisório que não sabe dizer se tem mais verve que pimenta ou se tem mais pimenta que verve, que "seu" prefeito precisa pagar as custas do processo expropriatório do Santa Rita.

As razões de s. excelência até que não estariam tão ardidadas se não fosse aquela exigência ferina.

E por via dela a gente é forçado a bater sempre na mesma tecla, quem vai pagar o pato? "Seu" prefeito cotucou o leão com vara curta e o leão rugiu em cima dele!

E agora, quem vai pagar o pato que o leão comeu?

É o "seu" prefeito ou ele vai botar na conta da velha Petronilha?

Não, na conta da velha não.

Não é possível.

Ela já está batendo pino e não pode pagar os luxinhos do "seu" alcaide.

Pobrezas metalizadas jazem nos cofres da Prefeitura a espera de que a luz, o esgoto e a água corram pelas ruas dos seus bairros.

Não são para saciar os caprichos nem a egolatria do chefe que o proletariado vem vivendo a pão e banana.

O pessoalzinho pagante já está na última lona, não tem mais nada prá dar.

Inda há praí quem reclame

Margando a sorte que tem,

Por comer pão com banana

Sem ter no bolso um vintém.

Quando vier o novo imposto,

— Espere o ano que vem,

Se não morrer de desgosto

Vai dar... as calças também.

Simão

CARTAS

Sr. Queremos cumprimentá-lo, e à diretoria do Jornal de 2.a, pelo nascimento de mais um veículo de informação.

Afora o papel que ele possa desempenhar junto à comunidade (conforme os Editoriais prometem), fa-

zemos votos para que o semanário se firme, também, como veículo de propaganda, para que num futuro muito breve os clientes desta agência de publicidade possam contar com mais um ponta-de-lança na divulgação de suas mensagens comerciais.

Ivone Pacheco & Associados (São Paulo, Capital)

E' o que a gente espera.

Sr. Parabéns pelo jornal. Gostaria de me tornar assinante do mesmo. Como devo proceder para isso? O jornal terá corretores visitando as casas? Ou os interessados deverão procurar o jornal?

Uma resposta dos senhores viria atender, não apenas ao meu desejo, como também ao de várias pessoas do meu conhecimento, que querem assinar o Jornal de 2.a.

Jacyro Silvestre Reimão (Vianelo)

Por enquanto, as assinaturas poderão ser feitas na redação do J 2.a: rua Senador Fonseca, 1044.

Sr. Li os dois primeiros números do seu Jornal de 2.a.

Achei interessantes os artigos que, de certa forma, denunciam muitos dos males que afligem Jundiá e contra os quais alguém precisava dizer alguma coisa.

Meu único medo é que o Jornal de 2.a, na ânsia de combater o mal, envereda pelo caminho da radicalização e parta para o ataque, pelo ataque.

Estamos cansados de notícias sob encomenda. Não queremos outras, ainda que sejam contra. Procurem fazer a justiça que o bom jornalismo propicia e contarão com um público interessado, no qual me incluo.

Roberval Mariano (Vila Arens)

Pode ser até que algumas de nossas matérias tenham saído um tanto radicais, não negamos. Acontece que havia um grito contido há dois anos. E é justificável que esse grito saísse adoidado, furioso. Contudo, não temos a menor intenção de radicalizar. Pela mesma razão: estamos cheios de notícias sob encomenda. Tentaremos fazer o bom jornalismo que o leitor sugere. Se para tanto não nos faltará engenho e arte.

EXPEDIENTE

JORNAL DE 2.a-FEIRA

Propriedade da Editora Japi Ltda. Rua Senador Fonseca, 1044

Redator-Chefe: Celso Francisco de Paula

Arte: Celso Eduardo Pupo Suzana Traldi de Souza

Officinas impressoras: Diários Associados — Rua 7 de Abril, 230 São Paulo

Assinaturas:

Semestral: Cr\$ 70,00

Anual: Cr\$ 120,00

EDITORIAL

O nível do nosso jornal

Guernica foi uma cidade espanhola que, na guerra civil de 37, foi usada para que as forças nazi-fascistas testassem seu poderio bélico, levando-a à completa destruição.

Imortalizada na obra de Pablo Picasso, Guernica serve-nos, agora, como substrato para o ideal que nos levou a lançar, em Jundiá, este jornal.

Passados os primeiros quinze dias do lançamento, captadas as críticas, sentimos-nos já em condição de fazer uma franca avaliação dos riscos que estaríamos correndo de não suportarmos, a longo prazo, os encargos a que nos propomos como um órgão de imprensa livre e independente.

Um dos obstáculos que se nos anteporiam, segundo a maior parte das críticas, seria com relação ao nível em que estariam sendo expostas nossas teses. Isto estaria nos distanciando do grande público leitor.

Discordamos, porém. Pois consideramos que a população de Jundiá encontra-se suficientemente preparada culturalmente para nos receber.

Não aceitamos que uma larga faixa da população continue sendo submetida a publicações onde o sensacionalismo da desgraça alheia seja o principal ou o único prato oferecido. É nossa preocupação oferecer-lhe algo que atinja o que de mais elevado tem o ser humano.

Sabíamos, de início, que seriam enormes as nossas dificuldades para sermos aceitos com tamanhas pretensões. Estávamos, porém, convictos de que o nosso idealismo o espírito de luta motivariam a adesão de inúmeros companheiros. Além disso, sentíamos que grande parcela de nossa população estava ansiosa para saber das coisas que estão acontecendo em nosso meio e que de uns tempos para cá se tornaram proibidas de revelar através dos órgãos de divulgação locais.

Não nos colocamos, aqui, como donos da verdade. Estamos, e muito, necessitando de aliados. A tarefa é reconstruir Guernica e não apenas apresentar um painel de suas desgraças (ainda mais agora que Pablo é morto). Isto, sabemos, só será possível através do conhecimento das causas da destruição. Pretendemos obtê-lo analisando o todo em suas partes constituintes e dissecando, um a um, os fatores e nuances da tragédia.

Para que isso seja conseguido, julgamos necessário que aqueles que têm mentalidade aberta e que se recusam ao comodismo, à posição de descrédito ou mesmo de apoio, de expectantes à distância, para não serem chamados à responsabilidade em caso de fracasso na empreita, venham a dar a sua contribuição.

A meta proposta, temos que admitir, era algo além de nossas forças. Ai, talvez, residisse o mérito maior do desafio. Temos, porém, agora, um novo alento, embora ainda com diminuto arsenal. Podemos dizer que nossa caminhada já se iniciou e que a realização dos nossos objetivos já não está mais tão distante.

PÃO E CIRCO

AO HOMEM DOS NOSSOS DIAS, MASSACRADO, ANULADO, OPRIMIDO, JÁ NÃO BASTAM O "PANIS ET CIRCENSES" DA VELHA ROMA. COMO, ENTÃO, MANTÊ-LO QUIETO?

Os imperadores romanos, quando sentiam a plebe inquieta, valiam-se de um recurso simples, para acalmá-la: davam-lhe pão e circo.

Passaram-se dois mil anos. As coisas mudaram muito. O mundo é bem menos simples. Os homens cresceram e multiplicaram-se. Inventaram mil tecnologias. Amontoaram-se nas grandes cidades.

As pessoas vêm-se tornando cada vez mais insignificantes, mais reduzidas, mais apagadas dentro da massa gigante. O indivíduo é apenas um número, um RG, um CIC, um dado de estatística, um registro de computador. Mas continua sendo gente, com todas as suas alegrias e tristezas, suas necessidades, seus anseios, seus medos, suas esperanças,

suas dores, seu entendimento, sua opinião.

Massacrado, oprimido, anulado, o homem tornou-se um ser pequenino dentro da imensa organização social em que vive. O Estado todo soberano, o poder público, a burocracia gigante intervêm na vida de cada um, controlando e condicionando o lugar onde se mora, a rua em que se transita, o meio em que se trabalha, a água que se bebe, o ar que se respira, a escola do filho, o sol da praça, a segurança da família.

Crescendo, assim, com poder e importância, cresce também o Estado, em complexidade e responsabilidade. A administração da máquina burocrática e a gerência dos serviços públicos são tanto mais difíceis quanto mais abrangentes são estes serviços e quanto mais

eles interferem com a vida, o conforto e o bem-estar de cada um. É necessário perceber as necessidades, sentir as urgências, definir as prioridades para que haja um máximo de atendimento coletivo.

Se não houver um propósito sério nesse sentido; se forem absurdas as prioridades adotadas; se ocorrer o supérfluo e o desperdício enquanto necessidades elementares não são atendidas, acabam surgindo a insatisfação e a revolta da população prejudicada. Para contê-la, a antiga fórmula dos romanos é inviável a longo prazo. Um bocado de pão, ou um pouco de circo, ou mesmo a "Via Ápia" não são suficientes para distrair a multidão e mantê-la quieta por muito tempo.

Francisco de Assis Oliva

A política e os políticos

"As raízes da repressão são e continuam a ser raízes reais; conseqüentemente, erradicá-las continua a ser uma tarefa real e racional. O que deve ser abolido não é o princípio da realidade; não tudo, mas algumas coisas particulares, como negociatas, política, exploração e pobreza". (Norman Brown)

POLÍTICA é por definição a ciência do Governo dos povos, a arte de dirigir os negócios públicos, ramo das ciências sociais que trata da organização e do Governo dos Estados.

Evidentemente é uma ciência aplicada, e como tal deve ser praticada.

A condição humana porém alterou totalmente o conceito, e Política tornou-se apenas uma palavra.

O que deveria constituir-se numa soma de todos os conhecimentos e numa dedicação total dirigida para o bem público, transformou-se em quase todo o mundo, na ciência da auto preservação a qualquer preço, no uso do embuste, da sidonia, das barganhas, para a conquista de postos hierárquicos, que mudam de nomes conforme o regime político, a filiação religiosa ou a estrutura militar.

O ideal é sempre o mesmo; subir na escala do poder.

Na escola brasileira, o início de uma carreira política segue linhas bem definidas em função do ambiente em que se processa.

Em regiões mais afastadas, onde ainda sobrevive o coronelismo, evidentemente a influência decorre da "posse" de mais eleitores: empregados, camaradas nas fazendas ou ainda apaniguados. O

poder econômico é dominante perante a ignorância generalizada, e os poucos letrados ou não que ousam constituir-se em oposição, são despedidos ou transferidos.

Nas regiões favorecidas por uma economia mais desenvolvida, com melhor nível de escolaridade, muda, mas não totalmente o sistema, pois que o poder econômico continua atuante.

Porém surgem outras oportunidades. Há a conquista da simpatia popular, deliberada e tendenciosa, cheia de promessas, a presença constante, o riso fácil e o elogio farto a todos e a infalível generosidade pré eleitoral.

E, assim, conforme o dispêndio de dinheiro ou de simpatia, passam os candidatos ao vestibular da vereança ou da deputação.

Galgado o primeiro degrau, o vereador já sonha com a deputação, o deputado com o Senado, e assim até o infinito.

E, todos, adentrados na nobre classe dos políticos, afastam-se do que nunca pretenderam realizar fora dos comícios. Esquecem-se de que a sua obrigação seria a de exercer a arte e a ciência de dirigir com probidade os negócios públicos. O povo é olvidado. Começa a luta pelas posições. secretarias, presidências, contratos, pelo galgar rapidamente mais de-

graus na pirâmide do poder.

E, assim, transforma-se a nobre ciência da política na arte da rasteira e antropofágica politicagem, onde o homem é o lobo do homem e as armas são as barganhas, as artimanhas, a bajulação e a corrupção.

E, afastados do homem da rua, formam um círculo, ou melhor, um circo, onde se entredesviam, completamente distanciados das necessidades e interesses do povo.

E muitos, um dia superados e de volta ao povo, perguntam-se, como o humilde personagem de Confúcio — "Deve haver-me faltado benevolência, deve haver-me faltado correção". Como pode ter acontecido isso?

Esquecem-se os políticos ainda educados nos ultrapassados sistemas de convenções, promessas e bandas de música, de que existe hoje, uma dicotomia entre os brilhantes jogos verbais dos políticos e as verdadeiras necessidades da humanidade.

Ou o político se torna um tecnocrata, para poder exercer e cumprir fielmente o seu mandato que é a ciência do bem-estar público, ou será fatalmente substituído pelos que estão realmente preparados para o exercício dessa função.

O problema brasileiro, na linha desenvolvimentista escolhida, é "HOJE, AGORA e AQUI".

Ou o político toma plena consciência da realidade, ou fatalmente será relegado à obsolescência e arquivado definitivamente como amostra de uma época.

Alberto Traldi

Convenções partidárias

CONCLUSÃO

ZEBRA NO RESULTADO

Não é só na loteca que dá zebra. Não senhores. Na política também. De acordo com o figurino brasileiro as bases eleitorais (vide movimentação de domingo) elegem os diretores partidários e estes indicam os candidatos aos cargos eletivos.

Na realidade, porém, sempre foram reduzidos os números de políticos que escolheram os nomes destinados ao sufrágio popular. Desde o tempo do PRP até hoje, o eleitorado vota naquelas que as ímpulsas desejarem. Mudaram-se algumas regras do jogo, mas nunca chegou a passar de um campo, uma bola 22 jogadores e para rematar também o juiz.

E assim continuará por muito tempo e somente um sistema de eleições primárias poderá submeter o problema aos eleitores partidários que teriam efetivamente oportunidade de selecionar valores e depois, isso sim, partirem com o melhor candidato.

Vamos voltar a 1972 quando se deram as convenções municipais que indicaram cinco candidatos dentro dos dois partidos.

O MDB, com dois e a ARENA com três candidatos a prefeito e a vice-prefeito.

Com tantas opções, aparentemente o eleitorado se esbaldou. Era só escolher e votar à vontade. Muito melhor do que se contasse apenas com um para cada partido.

Melhor pensando, todavia, não foi assim. A verdade é que se impôs uma situação das mais difíceis.

E só verificar o nível

da campanha, na base do salve-se quem puder e se entenderá imediatamente que o eleitorado ficou mesmo é sem saber em quem votar.

Os que estavam motivados ou que tinham opinião formada votaram como sempre votam. Mas há os indecisos que são os que resolvem as paradas mais problemáticas.

Tomemos a ARENA como exemplo, porque foi ela que elegeu o prefeito. Não entendendo bem o que se passava, o eleitorado foi se dividindo exatamente em três terços, colocando o mais votado com uma pequena margem de votos, que entrou faturando "no meio", como pomba da paz.

Analisando o desen-

rolar da campanha e o resultado das eleições municipais referidas, uma evidência veio à tona.

A parte do eleitorado, a não conduzida, especificamente aquela que decide por si, porque analisa, examina, separa, escolhe, esperando até os últimos dias para, no seu entender dar o voto certo, e ainda aqueles que não se suggestionam com propaganda, não aceita pedidos e que é sabida e independente, foi a que elegeu o atual prefeito feito.

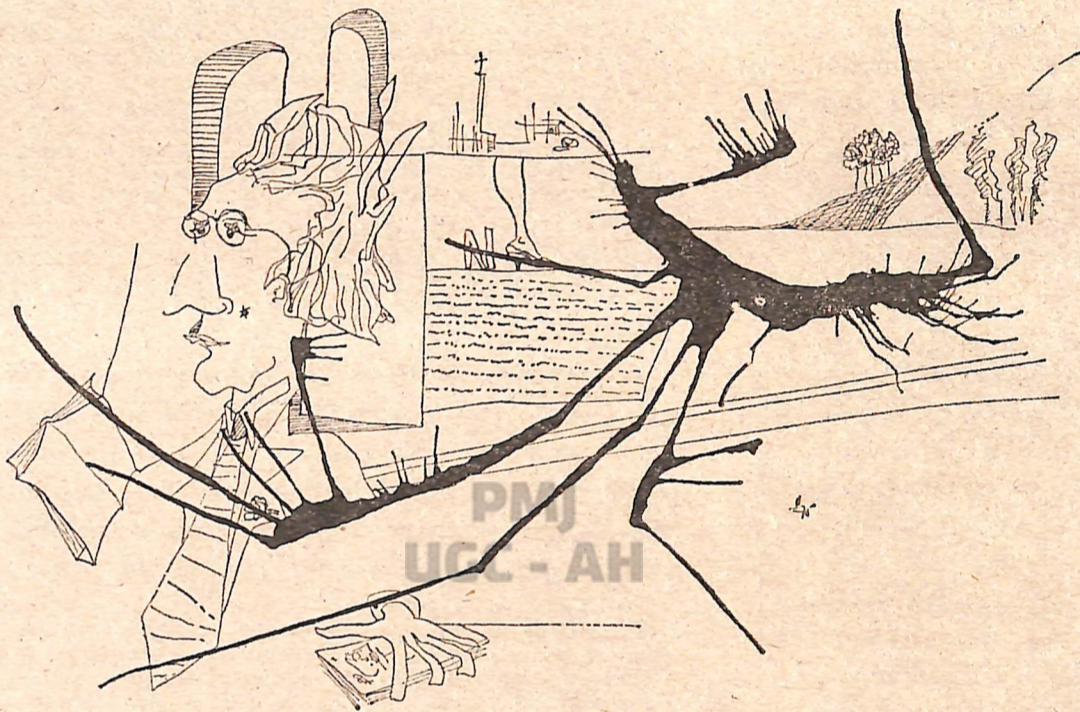
Ficou claro, desde logo, que nem sempre o que é feito com a melhor das intenções produz bons frutos e a escolha que se julgou bem feita no entender dos eleitores foi das melhores. Ao contrário.

Foi aí que, igual ao jogador da loteca: cuidadoso, calculista, entendido em futebol. Botou fé e... entrou bem. Deu Zebra.

O pior é que todos entraram bem e toda a população chora o castigo que lhe foi imposto (imposto? ou taxa) pela minoria do eleitorado jundiáense.

Esse o mal da sublegenda.

VIRGILIO TORRICELLI
()



Lendo, vendo e ouvindo...

A chamada "Comissão da Chapa Ibis Cruz", que trocada em miúdo se resume na pessoa dele mesmo, veio a público na manhã de 13 p.f., com o intuito de fazer proselitismo na Convenção da ARENA, alardear ao povo uma série de realizações e criatividade de sua autoria à testa dos públicos negócios municipais.

Com franqueza, ou vivemos numa terra de cegos ou de estúpidos, isso porque ninguém consegue enxergar nada do que vem dito ali.

Atente o leitor para estas linhas e veja se é capaz de "sacar" uma realidade que seja no meio de tanta prosopopéia:

"Estruturou a administração em base política, a fim de proporcionar ao povo tudo o que os seus lares precisam para o seu bem estar".

A nosso ver, o que houve foi o crescimento exagerado e desne-

cessário da estrutura administrativa, com a criação de inúmeros cargos de alto padrão e de assessorias onerosas, ao passo que se esvaziaram os órgãos de serviço realmente encarregados de cuidar da cidade. Como reflexo, os custos burocráticos se multiplicaram nesses dois anos de gestão, sem qualquer resultado prático para a população, a não ser a brutal elevação de impostos para sustentar a máquina cara do sr. prefeito.

"Obras no setor de saúde, com assistência médica para os trabalhadores nos próprios bairros".

O mais importante para a saúde do povo é prevenir as doenças e as epidemias, e não apenas tentar curá-las. Para isso, são essenciais as obras de saneamento básico. Nada, absolutamente nada foi feito neste sentido. Ao contrário. Os recursos do município, presentes e futuros, estão sen-

do consumidos na avenida de luxo construída a peso de ouro no bairro rico. Com o voto obediente de nove vereadores. Quanto aos postos de assistência médica, é bom que se examine o que há de interesse eleitoreiro por trás deles. Existe uma estrutura de retaguarda que garanta o funcionamento efetivo destes postos, ou eles serão apenas paleativos úteis, para agradar a população e conseguir votos? E quanto ao seu uso para conseguir fichas de filiação partidária e para a elaboração dos contratos de pavimentação com a firma empreiteira, estará de acordo com a finalidade dos postos?

"Obras de água e esgoto em proporções jamais realizadas em tempo algum".

O ronco das torneiras fala mais alto que as afirmações grandiloquentes. Quanto ao esgoto, seria interessante que se especificasse melhor as obras monu-

mentais anunciadas. Francamente, não as conhecemos.

"Modernas avenidas "rasgando" a cidade e interligando os bairros".

O termo está bem empregado. As avenidas estão realmente "rasgando" os bairros. Estão rasgando também a economia do município. O Sistema Viário está sendo executado dentro de um contrato considerado prejudicial aos interesses públicos. Seria interessante que o sr. prefeito revelasse à população um número que é guardado em grande segredo: quanto já custou o imenso movimento de terra realizado para a abertura das avenidas? Oitenta milhões de cruzeiros? Ou cem milhões, talvez? E quanto teria custado se tivesse sido realizado a preços normais, do DER, ou aos preços apresentados por outra firma na concorrência? Um terço apenas desse valor, conforme os dados revelados

pela Comissão de técnicos que examinou a concorrência? Os dois terços pagos a mais não estarão fazendo falta a esta pobre Jundiá?

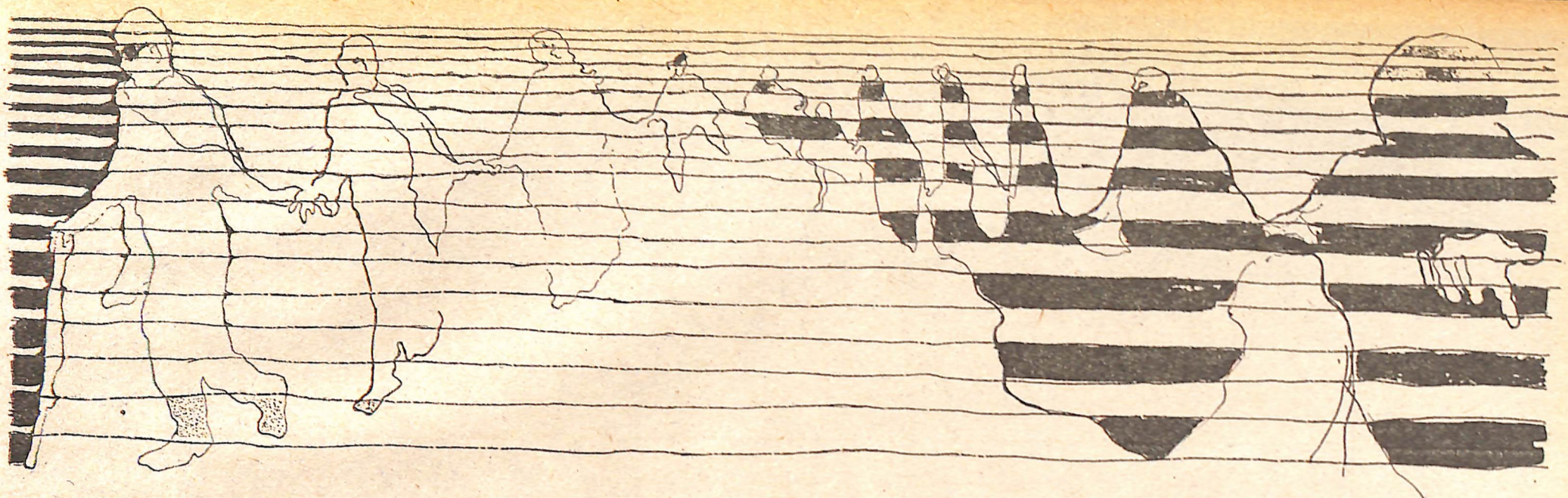
"Asfalto para todas as ruas".

O asfalto, nos bairros, só pode ser executado pela firma que está realizando o Sistema Viário, dentro do contrato considerado lesivo ao Município. Será que com mais concorrência, com a entrada de outras firmas, o povo não pagará um preço bem melhor para os serviços?

Esses foram os artificios usados para engodar o convencional da ARENA na Convenção do dia 13.

Foram urdidos, como diz o gaulês "pour épater les bougeois". Mas não grudaram.

A derrota foi uma forma elegante que o povo arranjou para lhe dizer que isto aqui não é a Beócia.



Salvo melhor juízo

Os meninos vão à escola, os professores fazem os meninos escreverem composições cívico-morais, depois os professores dão aos meninos uma nota alta, e depois os jornais publicam as composições dos meninos, aí os meninos pensam que estão escrevendo bem porque amontoaram uma fileira de lugares-comuns, e aí as mães e os pais dos meninos beijam os meninos, aí eles ganham medalhas na escola. E aí está criado mais um idiota.

Os poetas municipais rimam amor com flor, depois mandam a poesia para os poetas estaduais e aí os poetas estaduais elogiam os poetas municipais e os remetem aos poetas federais, que devolvem os elogios aos poetas estaduais para que estes os remetam de volta aos poetas municipais. Aí todo mundo pensa que é poeta, e dane-se Ezra Pound.

O candidato chega e fala que ele é melhor

que o outro candidato, porque o outro candidato é que é um demagogo politiquês, e que ele não promete o que não pode cumprir, aí ele promete muitas coisas; então ele é eleito porque prometeu que não ia prometer o que acabou prometendo. E está aí todo mundo esperando ele cumprir o que disse que não prometeria. Na próxima eleição, todo mundo vai votar no outro.

O burocrata, então, para poder fornecer aquele documento de que você precisa, está sempre exigindo que você leve aquele documento, que é exatamente o documento que você quer tirar, sem o qual, aliás, você não pode tirar nenhum outro documento. Aí você explica ao burocrata que o documento que ele está pedindo é exatamente o que você não tem, e aí ele responde que então não pode tirar o documento. Exatamente porque você

não tem esse documento. Você então sai, sem o documento. E ele fica, para sempre, com a consciência do dever cumprido.

E o enxadrista? Ele sempre acha que é melhor que o filatelista, que acha que é melhor que o numismata, que acha que é melhor que o orquidófilo, que se considera superior ao columbófilo, que se acha melhor que o rádio-amador, que não tolera o pára-quedista, que se julga melhor que o escoteiro, que...

E os coitados daqueles meninos lá de cima eis que vão de novo à escola, e eis que surgem de novo os professores, que fazem eles se vestirem de caipiras, pintam as caras deles, pintam uns dentes de preto para parecer que estão faltando, e fazem eles dançarem quadrilha, e no meio daquela espontaneidade toda chamam o fotógrafo do jornal, e chamam os

meninos, e fazem uma rodinha, e tiram uma foto. E depois aparecem todos no jornal. E aí aquela professora que viu a outra professora fazer isso, quer imitar a outra professora, e aí no ano que vem vai ter que ter mais menino, mais festinha. E aí todo mundo acha que está aplicando a pedagogia moderna, e dane-se Piaget.

Os meninos já cresceram, agora estão mais grandinhos e estão montando seu centro cívico, porque já estão no colégio, e já está na hora de ficarem homenzinhos. Então eles fazem chapas, que é prá ir praticando a democracia, e uns concorrem contra os outros, os outros contra os uns, e fazem o maior esforço intelectual para ganhar a eleição; aí, quem fizer o trocadilho mais cretinho com a palavra chapa é capaz de ganhar a eleição; aí, então, depois de eleitos,

vão dançar dois prá cá dois prá lá.

O dono do cinema antes de ganhar bastante dinheiro para ser dono do cinema, pagava sua entrada para ir ao cinema. Gostava muito, tanto que depois que cresceu e ganhou bastante dinheiro comprou um cinema, depois mais outro e mais outro e ficou dono de um monte de cinemas. E aí, quando o sujeito fica dono de um monte de cinemas ele quer ver o cinema cheio de gente, pra ganhar bastante dinheiro e quem sabe comprar mais cinemas. As vezes ele compra cinemas num lugar onde só tem televisão e cinemas, e o pessoal que está cansado de televisão, só pode ir ao cinema. Para ver os filmes que a televisão já passou.

Ainda bem que nada disso que escrevi acima acontece nesta cidade. Salvo melhor juízo.

Sandro Vaia

ESTRADAS MUNICIPAIS II



Sou caipira por origem e profissão, mas não tenho procuração para falar em nome deles. Acontece que o problema "estradas" é meu também. A SP 330 "Via Anhanguera" cortou o município em dois e isolou, parece que pra sempre, bairros rurais importantes. O bairro Engordador foi cortado ao meio; hoje, temos o Engordador do lado de lá e do de cá. Quem, daqui da cidade preten-

de ir ao Engordador do "lado de lá" tem que pegar a Via Anhanguera até a ponte do município de Louveira e voltar do outro lado, coisinha atoa assim de uns vinte quilômetros a mais. Acontece igualzinho para quem mora nos bairros do Poste, Traviú, Bom Jardim, São Pedro etc.

Em 1972 foi construído no sítio do Rosário, um Centro Social Rural. A Casa da Agricultura e

a Associação Agrícola esforçaram-se e conseguiram a doação de uma área de 5 hectares onde a Secretaria da Promoção do Bem-Estar Social (será que é assim que se chama a tal?) construiu o Centro Social, do "lado de lá" da Via Anhanguera. A turma dos bairros do "lado de cá" tem que ir até Louveira e voltar "do lado de lá"... Os lavradores dos bairros dos Fernandes e

Corrupira estão a 1 (um) quilômetro do centro e tem que passar por Louveira se tiver "tomóve"... Se num tiver, morre atropelado na Via. Tem jeito isto?

Tem sim. "Vamo deixá mais barato; não precisa mais asfartá estrada nenhuma". Basta construir um pontilhão no Posto Santo Antônio - Videira e pronto. Nesta estória (agora é assim que se escreve his-

tória) de pontilhões e estradas, há os que manjam e os que não manjam niente. Os que não manjam administram; os que manjam trabalham. Portanto, não fazem porque não querem.

"Vamo deixá mais barato ainda; não precisamos nem se incomodá com o Centro Social; já calu mesmo..."

O Bartimeu



ASFALTO: O PRETO NO BRANCO

— Dizem que isso é "asfalto quente", um tipo novo de asfalto.

Dona Regina de Siqueira Mango, como a maioria dos moradores da Vila Liberdade, não entendeu ainda que tipo de pavimentação está se fazendo em suas ruas. Dona Regina diz que conversou com um dos trabalhadores para saber o que era o tal "asfalto quente" e ele esclareceu que era um "asfalto moderno" cujas vantagens poderiam ser constatadas depois de concluídos os serviços naquele bairro.

As explicações, logicamente, não convenceram a moradora da casa n.º 48 da rua Raimundo Correia. Embora insistindo que não era entendida em assunto de asfalto, ela procurou estabelecer uma comparação para justificar sua dúvida:

— Nunca vi asfalto desse jeito, sem se colocar pedras antes do líquido. Asfalto bom é aquele da Fleischman, mas lá foi a própria Fleischman que pagou. Este aqui não é nada parecido com aquele lá: aqui não se coloca nenhuma base!

O que ela tem visto em sua rua desde que o asfaltamento começou "é a cada quinze dias esparramarem esse líquido parecido com asfalto, que deixa a rua toda lambusada que nem dá para a gente passar". Esperava que logo começariam a por pedras, "mas já terminaram o asfalto na rua

do outro lado (rua Lupe Cotrim) e nenhuma pedra foi colocada para fazer a base".

Por esse asfalto, que a maioria dos moradores teme que seja "que nem o do Jardim Cica", dona Regina diz que vai pagar Cr\$ 190,00 por mês durante dois anos. Se fosse pagar à vista, o preço total cairia para Cr\$ 3.320,00. "Mas quem é que vai poder pagar tudo de uma vez?"

A interrogação atinge mais profundamente os proprietários de casas e terrenos de esquina, cujos orçamentos finais do asfalto nunca é inferior a Cr\$ 10.000,00 para pagamento à vista.


Antes do Bradesco fornecer os preços definitivos, a Prefeitura deu aos proprietários uma estimativa do quanto cada um teria que desembolsar para obter o melhoramento.

Os moradores precisavam ir até a unidade de saúde montada pela Prefeitura para conhecer as condições de pagamento. Ali recebiam uma proposta com o timbre da Prefeitura e, concordando, devolviam-na assinada. Não concordando com o preço pré-fixado, era também obrigado a assinar uma declaração de que era "contrário ao asfaltamento".

Por esse processo coercitivo e sendo as

(continua na pag. seguinte)

PMJ
UGG - AN



STAVIAS

Stanoski, Ter. Pav. e Obras Ltda.

Rua I n. 444 - Telefone 4209 - RIO CLARO - SP

Rio Claro, 02 de julho de 1975

SOCIEDADE CIVIL DE TERRENS URBANIZAÇÃO LTDA.

RIO CLARO - SP.

PAGUE

Pela presente levamos ao conhecimento de V. S. que, em decorrência da Lei Municipal n. 631 de 09-06-59 e do Decr. n. _____, estamos devidamente autorizados pelo Poder Público a cobrar diretamente os serviços de pavimentação asfáltica, de acordo com o quadro abaixo e que nesta oportunidade submetemos à sua apreciação.

ÁREA	MODALIDADES DE PAGAMENTO		CUSTO UNITÁRIO	CUSTO TOTAL
	1.a - à vista	2.a - em 6 meses		
115,60	Cr\$ 4.516,74	Entrada Cr\$ 2.574,56		
ms2		6 x Cr\$ 636,16		
TOTAL	Cr\$ 4.516,74	Cr\$ 5.191,52		

Em face do exposto solicitamos de V. S., a gentileza de, no prazo de 3 (três) dias, devolver esta via devidamente assinada e indicando ainda a modalidade de pagamento escolhida, para que possamos ultimar nossos trabalhos de cobrança.

Sem mais, subscrevemo-nos

Atenciosamente

[Assinatura]
STAVIAS LTDA.

Nº 4645

Concordo com a _____ modalidade de pagamento.

Jaf.

O asfalto que custa 40 cruzeiros em Rio Claro...



(conclusão da pag. anterior)

unidades de saúde utilizadas como prolongamento dos escritórios da firma Andrade Gutierrez (a mesma que venceu a concorrência pública do sistema viário), foi que se fez o primeiro levantamento do número de interessados no asfaltamento.

Dado o alto preço da pavimentação e as precárias condições econômicas da maioria dos proprietários, a opção por um dos planos de financiamento foi a única alternativa de muitos.

No contrato de adesão, que levou o timbre da Prefeitura Municipal de Jundiaí (e não da construtora), estavam impressas as condições do financiamento. Para o pagamento do asfalto em seis meses, por exemplo, o coeficiente de cálculo da prestação era de . . . 0,19702, que numa tabela de juros corresponde a uma taxa de 5% ao mês. Um juro acumulado de 80% ao ano! E sob o patrocínio da nossa Prefeitura é que se estava cobrando esses juros claramente ofensivos à lei da usura.

Houve, porém, reação contra juros tão violentos. O vereador Abdoral Lins de Alencar denunciou, na Câmara, este fato absurdo. Diversos proprietários se recusaram a aceitar tais condições. Conseguiu-se, à custa dessa grita toda, que se modificasse o sistema de financiamento, passando este a ser feito pelo Banco Brasileiro de Descontos, a taxas normais.

Restam, porém, ainda, dois pontos a serem devidamente analisados e esclarecidos. Um deles se refere à dúvida dos moradores quanto à qualidade dos serviços que estão sendo executados. A maioria deles têm ouvido falar

que "esse asfalto moderno não vai durar mais do que dois anos" e teme que tudo estoure antes do término do pagamento de suas parcelas.

O outro ponto diz respeito ao preço-base do asfalto por metro quadrado e ao porquê da sua aceitação.

A avimentação asfáltica na Vila Liberdade está custando em torno de 90 cruzeiros por metro quadrado. O simples recapeamento de sarjetas de paralelepípedos está sendo cobrado à base de 50 cruzeiros, quando no município de Rio Claro o asfalto — também pago diretamente pelo proprietário — está custando apenas 40 cruzeiros o metro quadrado.

Vale ressaltar ainda que algumas ruas que contavam com calçamento de paralelepípedos foram descalçadas para receber o novo tipo de pavimentação (o "asfalto quente") de duvidosa durabilidade.

Por que a pavimentação das nossas ruas só pode ser feita por uma única firma, a preços discutíveis? Por que não dar aos proprietários a liberdade da escolha da pavimentadora, ficando a Prefeitura incumbida apenas da fiscalização da qualidade dos serviços? Por que não abrir e facilitar o credenciamento de firmas especializadas no ramo, para garantir ao povo um custo justo?

A pavimentação das ruas é, sem dúvida, uma benfeitoria importante e desejada. É necessário, porém, criarem-se condições para que ela se faça atendendo aos interesses do povo. Ou será que o jundiaense deixou de ter qualquer direito, ficando apenas com uma única obrigação: pagar e pagar caro?!

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ

ADESÃO PARA OBRAS CUSTEADAS PELA TAXA DE PAVIMENTAÇÃO

1 - Localização do Imóvel

Z	S	O	L

Rua: _____ N.º _____

Eq.: _____

Loteamento: _____ Lote: _____ Quadra: _____

Testada { Cadastro: _____ ml Construído Não Construído
Real: _____ ml

2 - Proprietário

Nome: _____ Fone: _____

Endereço: _____

Identidade n.º _____ Emissão de _____ CPF n.º _____

Nacionalidade: _____ Profissão: _____ Estado Civil: _____

3 - Situação do Logradouro

Pavimentado Asfalto Com guia e Sarjeta
 Não Pavimentado Calçamento Polidríco Sem guia e Sarjeta

4 - Serviços a executar

S E R V I Ç O	QUANTIDADE	PREÇO UNITÁRIO	PREÇO TOTAL
Projeto e execução de pavimentação asfáltica de 5/responsabilidade constante de preparo de caixa, base, imprimação e capa.	30,00 m ²	52,17	1.565,10
Recapeamento de sarjetas.	10,00 m ²	27,15	271,50
Reajustamento de preço até o mês de maio/75 (mês base: 01/74)	Índice	0,596	1.094,61
Taxa de Administração - Lei 2.091/75	10%		293,12
TOTAL			3.224,33

5 - Posição do Proprietário

A - Concordo com a execução das obras, prontificando-me a formalizar a adesão, para pagamento, concordando outrossim na emissão de "Nota Fiscal de Serviços" pela Empreiteira designada pela Prefeitura, contra minha pessoa a vista, para quitação na Conta Especial de Serviços Urbanos, mediante depósito do signatário, no caso de opção pelo financiamento bancário.

Condições de Pagamento: Direto à Prefeitura Com financiamento bancário

Prazo de Financiamento:

Meses	Índice	Prestações	Contrato
<input type="checkbox"/> 6 meses	0,19702	635,25	N.º _____
<input type="checkbox"/> 12 meses	0,10655	343,55	Data _____
<input type="checkbox"/> 18 meses	0,07932	255,75	Registro - _____
<input type="checkbox"/> 24 meses	0,06570	211,83	

Jundiaí, de _____ de 197 _____

Proprietário

Não concordo com a execução das obras. Jundiaí, de _____ de 197 _____

Proprietário

...está saindo caro para os jundiaenses

ARENA: eleita a executiva

Recuperadas da surpresa de domingo, onde nenhum conseguiu a façanha de reservar-se duas sublegendas para as eleições de 1976, as três alas arenistas prepararam suas baterias para tentar um melhor resultado na eleição da Comissão Executiva, onde os votos seriam somente 21 e mais de mil as chances de uma composição vantajosa.

A ala chefiada pelo ex-prefeito Pedro Fávoro, tendo saído majoritária da convenção de seis mil votos, ganhou nove vagas no novo diretório e sentiu-se no direito de exigir pelo menos duas vagas na Executiva, sendo uma destas, obviamente, a presidência.

Entretanto, na hora da composição, o professor ofereceu ao segundo grupo mais votado na convenção, o do dr. Rubens de Lucca, o mais modesto cargo da Executiva, ou seja, o de tesoureiro, exigindo para si a presidência e a secretaria e reservando ao derrotado grupo do prefeito a vice-presidência.

Com isto não concorreu, como não poderia

mesmo concordar, o grupo liderado pelo médico, que contava com sete novos no diretório, incluindo o do líder da bancada na Câmara Municipal.

Estabelecendo esse impasse, surgiu a chance da ala perfeísta negociar o seu poder de decisão, com cinco votos, pleiteando coisa ainda melhor do que a já polpuda vice-presidência que não fazia por merecer.

Atendendo à exigência da ala perfeísta — a vice-presidência e a secretaria — Rubens de Lucca conseguiu a presidência da Executiva e ainda o poder de deliberação, contando dentro dela com os votos de seus aliados Silas Reis Salum, que foi guindado à tesouraria, e Élio Zillo, já ocupante da liderança da bancada na Câmara Municipal. Ao professor restou não mais do que demonstrar seu espírito democrático, aceitando o resultado e até colaborando, no final, para que fossem eleitos por unanimidade os suplentes da Executiva, embora nenhum pertencesse à sua ala.

HOTEL DE CATEGORIA "A"

Em setembro de 1973, a FIESP-CIESP e a P.M., comunicaram, conjuntamente, às indústrias da cidade, sua decisão de "desenvolverem um projeto-base para construção de um hotel de "categoria A" na cidade". Pre-encheram-se formulários.

Indústrias reservaram, de seus incentivos fiscais, parcelas substanciais para este projeto. O prazo venceu, o projeto encruou, os incentivos tiveram que ser, na última hora, recolocados, obrigatoriamente, na EMBRATUR. Nem FIESP nem CIESP em PM falaram mais nada. Como será que vai ficar? Quem vai explicar aos industriais que não era bem aquilo que se iria fazer? Ou era?

A. M.

MDB: executiva de véspera

Um encontro havido no sábado, entre os senadores Orestes Quêrcia e Franco Montoro e o deputado Jayro Maltoni, em casa deste, fez com que se definisse antes mesmo da convenção qual seria a nova comissão executiva municipal do MDB.

No final da tarde de domingo, após oito horas de cansativa espera de filiados para a votação (compareceram 264 dos 729 inscritos), o Diretório eleito — composto pelos 21 membros da única chapa apresentada — reuniu-se para homologar os nomes definidos no sábado para constituir a Executiva: Antonio Prado, presidente; João Fernandes Gimenez Molina, vice-presidente; Antonio Carlos de Castro Siqueira, secretário; André Benassi, tesoureiro. O vereador Abdoral Lins de Alencar, que esteve na presidência da Executiva até a dissolução do Diretório anterior (uma jogada política do deputado Maltoni para dificultar o registro de quase mil fichas levantadas pelo vereador Rolando Giarola), foi mantido como membro,

na qualidade de líder da bancada do partido na Câmara Municipal. Uma das preocupações mais sérias da nova Executiva deverá ser a situação dos eleitores fichados por Giarola (a pergunta é se eles interessam ou não interessam ao partido), uma vez que a suspeita arguida pelo deputado Jayro Maltoni de que a intenção daquele vereador seria, através deles, favorecer o futuro ingresso do prefeito no partido (por falta de ambiente na ARENA), poderá tomar outro sentido, desfalcando o MDB dessa força. Basta considerar que o edil acusado de adesismo permaneceu praticamente o domingo todo no Grupo Escolar Conde do Parnaíba, ajudando o grupo do prefeito a angariar votos para sua chapa.

Santa Rita

Inaugurando-se hoje o Hospital Santa Rita de Cassia, e havendo eu advogado a primeira ação expropriatória, impetrado o mandado de segurança contra ato do atual prefeito que desapropriou todos os títulos de sócios proprietários, bem como prestado gratuitamente outros serviços de advocacia e contabilidade, por ocorrência de uma série de boatos, torna-me prudente e obrigatória a presente manifestação, no sentido comunicar: — a) Que não fui sócio do referido hospital; e b) Que não possuo nenhum título de sócio proprietário do hospital.

Para aqueles sócios ou pessoas que depositaram sua confiança em minha pessoa e na diretoria incorporada na edificação do novo hospital; para os disidentes e malicidentes; para os incapazes; para os que só pedem à sociedade sem nada retribuir; para os que queriam a dissolução do hospital; para aqueles que aderiram à dissolução da sociedade inconscientemente; — Fica aos primeiros a realização da obra, e aos demais o exemplo corretivo de suas vaidades, de seus apetites, de seu descrédito e da sua omissão?, tudo refletido numa obra de 7.000 metros quadrados para atender os doentes de Jundiá.

Quicá, serão atendidos naquele local e usufruirão de nosso trabalho, todos os homens portadores dos atributos acima? Quicá, o prédio possibilitará que os médicos que se insurgiram contra a obra, nele ganhem o pão de cada dia, sustentando sua família e fazendo a poupança? Quicá, o nosso povo terá maior e melhor atendimento hospitalar. São os meus votos, onerando tão somente o Hospital Santa Rita, com a paga na divulgação deste comunicado. Ademércio Lourenço

A reestruturação do funcionalismo municipal

A cúpula administrativa da Prefeitura muito vem falando, ultimamente, em reestruturação nos quadros do pessoal, sem contudo apresentar nada de aproveitável nesse sentido.

Confunde-se reestruturação com reclassificação, como se fossem a mesma coisa.

E os funcionários antigos do quadro fixo permanecem aguardando a malfadada reestruturação, como se isso viesse a servir para melhorar seus parcos vencimentos, já que a concessão anual de aumento geral se faz em percentuais muito abaixo do aumento do custo de vida.

Entretanto, o que vem acontecendo amiúde na Prefeitura é uma proliferação de investiduras

em alto padrão desajustando cada vez mais os quadros fixos do funcionalismo.

Quem conhece a técnica da administração sabe perfeitamente que não se deve confundir os termos "reestruturação" com "reclassificação", pois que são coisas completamente distintas e de significados diversos.

Reestruturação vale dizer, dar nova estrutura a uma organização administrativa existente através de moderna prática de racionalização administrativa e de hierarquia de atribuições.

Reclassificação por seu turno significa dar nova classificação aos cargos e funções de funcionários ou pessoal, adotando-os às novas atribuições e funções de trabalho ou execução de

serviços em uma organização administrativa.

Enquanto se timbra em desconhecer esses conceitos técnicos comumente adotados, criam-se mais cargos em comissão em detrimento da natural promoção a que fazem jus por direito os funcionários antigos e especializados.

Sabe-se que a anunciada reestruturação é uma quimera. Não virá.

Não virá porque o sr. prefeito ao invés de corrigir os desgates da sistemática administrativa, vem fazendo política eleioeira com os comissionamentos.

Inventou a "reestruturação" da Secretaria da Educação, jocosamente apelidada de "Bataclan", e agora investe para as bandas da secretaria dos Assuntos Jurídicos e Sociais.

E dessarte, uma pletoira de cupinchas vem infestando cada vez mais as sinecuras municipais.

Novas "reestruturações" se sucederão em outras secretarias com o mesmo objetivo político e por via do que centenas de ociosos passarão a desgastar o erário público sem nenhuma vantagem quer para a cidade, quer para o povo.

São essas linhas com vistas aos senhores vereadores já que só eles se constituem no único poder capaz de freiar a sanha politiqueira.

Se assim não compreenderem vão acabar caindo na mesma impopularidade demonstrada na convenção que escolheu o novo diretório da ARENA.

NOSTALGIA - POR QUE NÃO AQUI?

"Coroa, você não manja o nosso plá?"

Frases como esta, ditas pelos jovens e aceitas pelos adultos, têm caracterizado uma separação de gerações que já ultrapassa os seus 10 anos de duração.

Tal fenômeno não envolve a todos, mas percebe-se que o bloqueio é grande, com sensível redução do fluxo de conhecimentos e experiências entre as pessoas mais velhas e mais novas.

O prejuízo vem sendo sentido já há algum tempo por parte dos jovens, os quais estão deixando de ser apenas modernos, para assumirem posições que outrora eram típicas de conservadores.

A Nostalgia, denominação de moda atual, parece significar o de-

sejo de sintonia com a época quando os adultos de hoje, com os quais o diálogo foi rompido, eram jovens.

Mais do que isso, os jovens desejam curtir as coisas naturais e antigas e para tanto agem para a preservação do meio ambiente e dos monumentos, que são autênticos registros da história do homem.

Percebe-se que os jovens de hoje desejam fazer-se presente em todos os assuntos, desde os milhares de jovens do mundo todo que visitam o British Museum para ali desenvolverem seus estudos e pesquisas, passando pelos inúmeros universitários de arquitetura dos 5 continentes que participaram do notável concurso promovido pela Unesco sobre "Habitatções de Emergên-

cia", até os estudantes de Porto Alegre, que salvaram históricas árvores trepadas em seus galhos, em protesto pacífico.

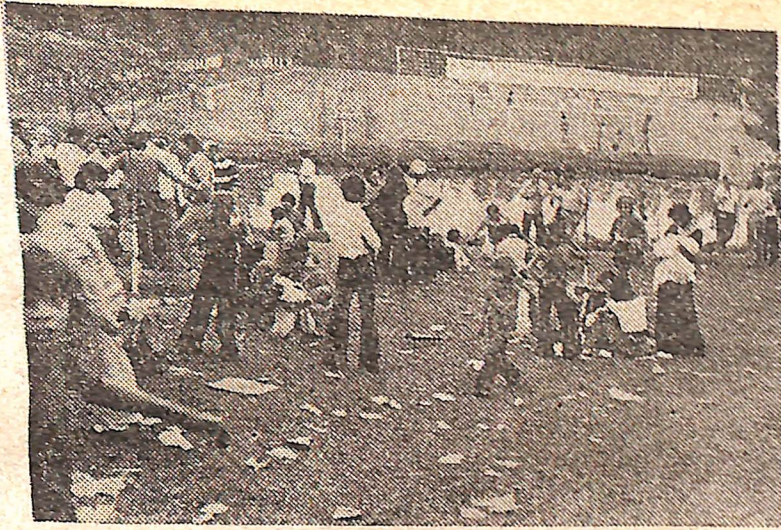
Jundiá não é uma cidade com atributos notáveis para encaixar-se num roteiro turístico, mas nem por isso deve perder seus autênticos registros históricos sem antes fazer-se uma tentativa para preservá-los. Muita polêmica tem acontecido em torno do Solar do Barão, do Grupo Siqueira de Moraes e mesmo da Ponte Torta, mas sempre, e lamentavelmente, tem-se usado o argumento de que o progresso exige suas extinções. Não é assim, e as autoridades o sabem. É preciso que isto seja trazido a público para que as pessoas interessadas, jovens estudiosos

e adultos conhecedores, debatam sobre os recursos que a cidade deverá contar para a manutenção de sua história e, portanto, de sua própria vida.

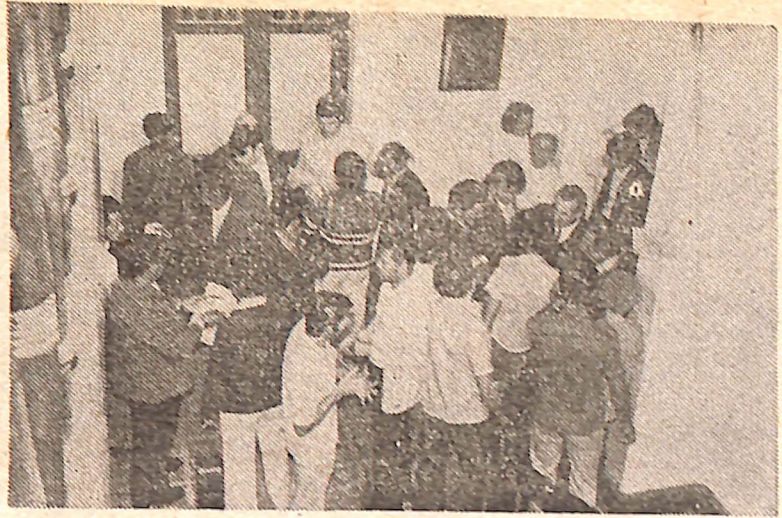
Quanto à proteção do nosso meio ambiente, valem as mesmas posições. O excesso de trepagem urbana sem a devida complementação, o desbaste da serra para a ridícula utilização de terra, e o já anunciado corte das figueiras centenárias da praça da Bandeira são atitudes que não mais podem acontecer, sem que o povo de Jundiá seja previamente informado, para que os conhecedores e estudiosos possam manifestar-se.

Ou será que o único recurso válido é o de trepar-se nos galhos?

PANIZZA



AS MASSAS: os que entendem delas...



...e os que procuram entendê-las

NO DOMINGO, DIA 13, DOIS DESTINOS PARA AS MASSAS

No filme "Submarino Amarelo", Ringo Star aparece caminhando pelas ruas vazias de Liverpool, na maior fossa. Olha para a câmara e comenta: "Liverpool, aos sábados, é uma droga. (Pausa). E hoje ainda é quinta-feira".

Na Praça dos Andradas, vazia, o pernambucano Severino de Tal, trabalhador de uma construtora, olha

para o bico do seu sapato de solado alto e comenta: "Jundiaí, aos domingos, é uma droga". E é domingo, dia 13 de julho de 1975.

Discordando de Severino, os convencionais da ARENA estão achando o domingo, dia 13, movimentadíssimo: quase 6 mil deles estão votando os seus representantes, na renovação do Diretório. Mais tarde um

pouco, alguns achariam, também, que foi uma droga. Mas ninguém pôde se queixar da falta de ação, já que frenesi-e-corre-corre foi o que não faltou nas dependências do Grupo Escolar "Conde de Parnaíba", palco da convenção: o partido, ressentindo ainda a refrega do 15 de novembro passado, procurava novas fórmulas e novos nomes capazes de aglutinar as massas,

nas próximas eleições municipais.

Num terceiro local, na Chácara dos Irmãos Pincinato, gente muito chegada às massas pouco se importava com Severino, Arena e convenções: eram os padeiros de Jundiaí e suas famílias, felizes por estarem realizando, pela quinta vez, com o maior sucesso, a Festa do Panificador Jundiaense.

Assim, enquanto os cabeças-de-chapas da ARENA roíam unhas, os panificadores mordiam churrascos e cachorros-quentes, ao som de berrados "Truco, marreco!" e "Foi pênalti, juiz!", aguardando o desfile das suas candidatas... a Rainha do Panificador/75.

Roseli foi a grande vencedora, na Chácara dos Pincinato. Já no "Conde de Parnaíba"...

N & O

DOMINGÃO

Tem gente, ou melhor, tem muito cacique nesta taba. Se o assunto é MDB, ARENA ou convenções, vamos lá: deu zebra na arena, o que não concorre para melhorar a situação geral do olé verificado. No MDB (o conhecido Movimento Dúlio Buzanelli que me perdoe o plágio) aconteceu que houve erro de revisão: dos 729 convencionais inscritos, votaram apenas 264. Os demais, voltaram. Quem os surpreendeu foi o próprio do partido, sr. deputado Jayro Maltoni. Deputado, quando der, me convide para um votozinho.

ESF

Um bom esporte: mãos ao alto

A novidade do setor esportivo é a criação do esporte para todos. Não se sabe, no entanto, qual a sua real finalidade. Tentando adivinhar "as intenções dos administradores públicos" (em grande parte políticos e nada esportivos), chegamos a sentir a inovação como um novo caminho para empregar-se apadrinhados e novos rumos para se conseguir votos.

Qualquer pessoa que conheça um pouco de esporte entenderá que, atualmente, este não é o melhor caminho. Qual é o valor dessa iniciativa, se não temos base? Para que cultivarmos atletas, se não temos clubes ligados ao sistema educacional da Secretaria de Cultura e Esportes? Até que ponto poderemos forjar atletas? Serão eles bem orientados, se não con-

tamos com técnicos à altura?

Fazer escolinhas não é novidade. Com despesas muito menores, o Colégio Divino Salvador, o Jundiaí Clube, Olímpicos e a Associação Jundiaense de Atletismo já as possuíam, sendo sumariamente extirpadas porque, politicamente, nada somavam.

O novo esquema apregoado largamente pelos atuais responsáveis teve início. A escolinha de voleibol começou e os "administradores esportistas" caso tivessem tempo e vontade, veriam que a coisa começava mal.

As outras escolinhas não começaram a funcionar, "porque a Comissão Central de Esportes" (que nem presidente possui) ainda não tem solução para o problema da contratação de técnicos especializados". Pelo que sabemos, não tem nem mesmo verba específica destinada a resolver este problema. Vários planos surgiram, elaborados por pessoal competente, e atualmente continuamos na estaca zero, por falta de recursos humanos especializados para desenvolver. A despeito de tal lacuna, o empirismo grassa no seio do esporte oficial jundiaense.

Todavia, se cotejarmos em termos de "esporte-competição", não iremos encontrar, desta data "ad eternum", qualquer clube particular interessado em explorar los. Ao que parece a Prefeitura Municipal nega-se a subvencionar as forças esportivas, amadoras, de nossa cidade, a exemplo do Jundiaí Clube, Divino Salvador e a Associação Jundiaense de Atletismo, minando, destarte, os valores individuais que se sobressairam em quaisquer modalidades es-

portivas. Consta que o mal não é de raiz. A história de nosso desporto está aí, para confirmar que, noutras eras, tivemos, sempre, senão o apoio oficial, pelo menos o esforço individual que compelia nossos atletas a realizar maravilhas e conseguir grandes méritos para nossas lides.

Sabem quando os jundiaenses verão novamente sua cidade triunfar nos campos esportivos?

Exatamente no dia em que a Prefeitura ficar conscientizada de suas reais responsabilidades. A propósito, usando o velho chavão popular, "esporte ainda é cultura".

20 CONTOS POR 20 CONTOS

A revista "Status" lançou um número especial só com contos de autores latino-americanos.

São vinte contos, entre os quais 7 de autores brasileiros.

As ilustrações são de Aldemir Martins.

A revista custa Cr\$ 20,00, ou seja, um conto cada conto.

E' barato. E. M.

AT LEAST, OU AT LAST?

No próximo número do J 2.a você vai encontrar um artigo assinado por Carlos Franchi.

A decisão de colaborar com o semanário foi tomada pelo advogado e professor, depois de sucessivos encontros com a diretoria do jornal, que desde o primeiro número esperava contar com esse nome no seu quadro de colaboradores.

O acordo foi firmado na última quarta-feira, dia 16, às 0,30 horas — (hora de Brasília). (E.M.)

AINDA A SELEÇÃO I E II

Olha, minha pontaria é aquela mesma! Acho que não sei é fazer blague. Talvez ficasse mais claro seleção com aspas, assim: "Seleção". Como o leitor pode não ter me entendido, aqui está a explicação:

A Cuca conseguiu atrair interesse dos jundiaenses para as Artes Plásticas, sem grande alarde, num trabalho contínuo e confiante, e vem realizando mostras, mensalmente, com a devida divulgação. Aliás, a frequência é tão seleta que nem recebe convite, o que não é preciso porque vou do mesmo jeito, senão para aprender, ao menos para rever amigos. O lamentável, pra mim, foi a falta de organização dos promotores da Eucat Expo. Expor artistas jundiaenses em São Paulo, sem a devida divulgação, é expor nossos artistas a uma situação de desconfiança frente a seus próprios trabalhos (pelo menos para os iniciantes), já que não houve público nem na inauguração. Quanto às moças do Silvio Santos, é uma pena que não se consiga interessá-las por alguma coisa que não seja ele mesmo, e acho desnecessário desmerecer um público tão sem opção. Já o Silvio Santos, é um outro papo.

PICOCO

MULHER 75

Qual a mulher mais "êntica"? Aquela que, ciente dos seus atributos, usa - abusa do desquite, ou a que, não tão segura, "guenta" o que tem e varia com muito cuidado?

CONCURSOS E...

Diz a lei, em boa hora Que acabou o afilhadismo Você quer ser funcionário? Não adianta compadrismo...

Entretanto, minha gente, Isso nem sempre acontece; "Dona" lei vai pró vinagre, E a verdade não aparece.

Por de trás dos bastidores, Tô sabendo de chanchada: Num concurso bem recente, Imperou a marmelada.

A filhinha do parente, O afilhado do eleitor, O enteado do cupincha, A sobrinha do doutor.

Prova pronta, disfarçada, Todo mundo sabe agora, Que a burrice é nomeada, e Competência fica fora...

Não descure, meu amigo, E procure compreender: Há quem mande a lei às [lavras, Só prá votos receber...

SISTEMA VIÁRIO DE JUNDIAÍ

Sabem onde o Ruy Barbosa falou o tal de "de tanto ver triunfar as nulidades..."? Foi num discurso pronunciado no Senado Federal (é, lá mesmo) em 17 de dezembro de 1914: exatamente 59 anos depois, publicou-se edital de concorrência para o Sistema Viário de Jundiaí. Para maiores esclarecimentos, consultar "Um Polho na Asa da Águia", de Salomão Jorge, e os jornais da cidade de dezembro de 73.

A.M.

TAMOZAI

EDUARDO N&O Bravo, estamos salvos. Este é o único jornal do mundo que tem assistência neurológica permanente. Podemos desde agora, fundir fácil, fácil a cuca. Quem tem medo da Virginia, Wolf?

ESF

SÍLVIO CALDAS COMEÇA A FALAR. E 14 DE JULHO VIRA FERIADO NACIONAL

"Podem entrar, a fera está segura."

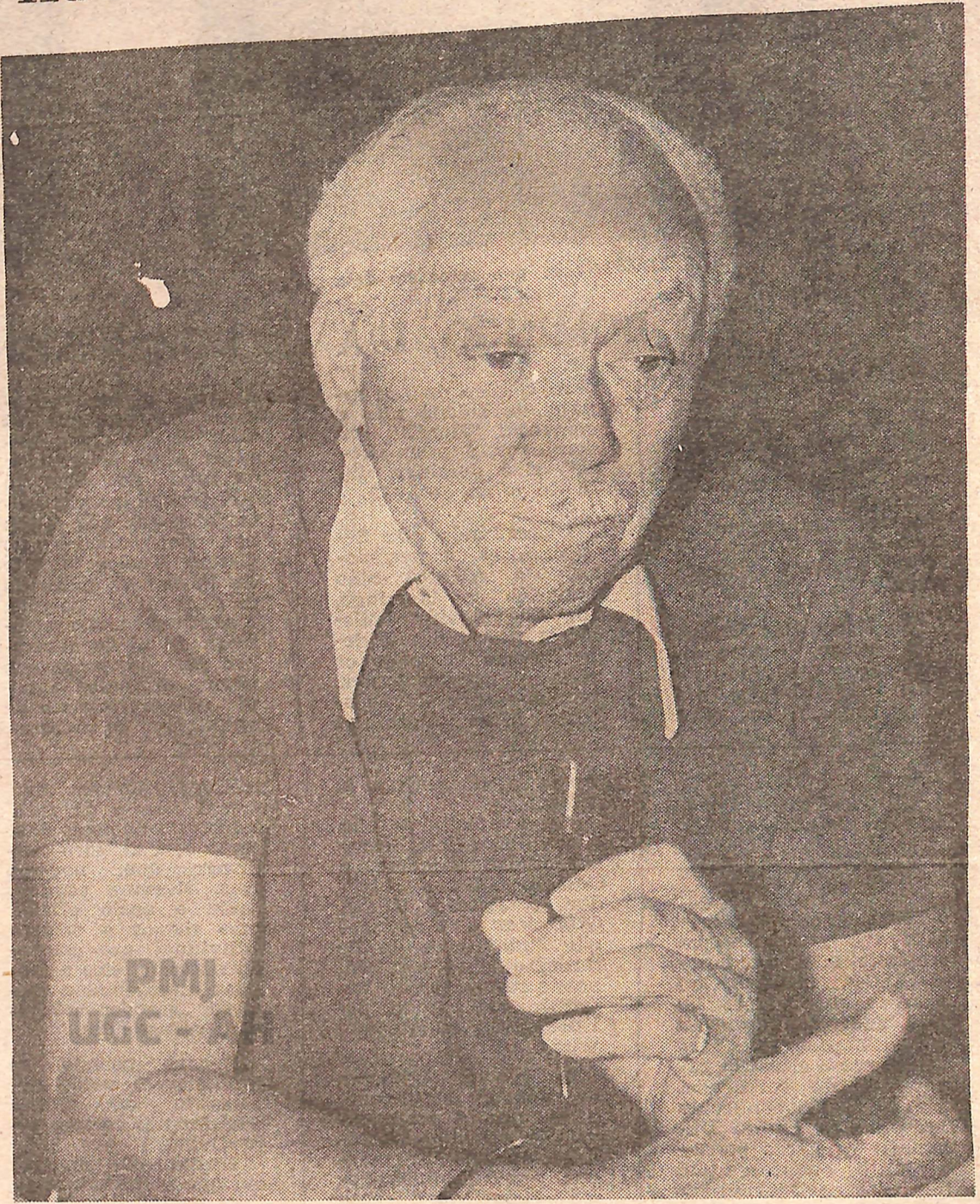
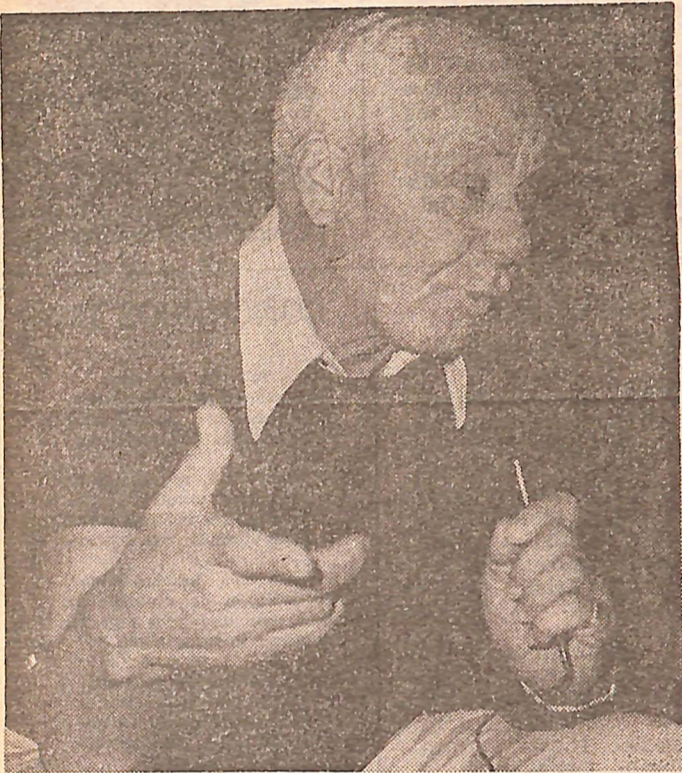
A fera é um maravilhoso Dobberman, cujo olhar belo-terrível nos acompanhou enquanto atravessamos o jardim da bonita casa, no Vianelo.

O domador da fera é Antenor Rossi, o "Ferrinho", dono do cão, da casa e anfitrião de uma memorável noite em que entrevistaremos Sílvio Caldas, o "Caboclinho Querido", o "Seresteiro", o "Tio Sílvio". Sílvio Caldas, ele sim, "um feriado nacional".

Foi mais de uma hora de um papo fluente, temperado pelo gostoso sotaque do carioca de São Cristóvão e contrapontado pelo gaguejar caipira e emocionado de todos nós, diante da fera da música popular brasileira de todos os tempos. Fera que os anos e a adversidade jamais conseguirão segurar.

O jeito afetuoso de perguntar nossos nomes, para responder pessoalmente a cada pergunta; a incrível memória; e um impertinente resfriado; foi com isso e um vigor impressionante que Sílvio Caldas nos recebeu.

Nosso obrigado ao "Ferrinho", à Yole, sua mulher, por nos ter oferecido o "palco iluminado" onde o doce Sílvio pôde, com a força que a sua mulatice lhe deu, "salpicar de estrelas nosso chão".



J-2.a — O que faz Sílvio Caldas em Jundiaí?

SC — Meu repórter, é muito fácil. O homem que fez amigo como Sílvio Caldas, principalmente em São Paulo, onde eu vivo há muitos anos, é muito natural que eu esteja em Jundiaí. Moro em Atibaia e tenho grandes amigos aqui e dentre outros o meu grande companheiro e amigo que é o Ferrinho. Ou melhor, eu digo Ferrinho, porque ele é mais conhecido por Ferrinho do que Rossi, uma família também conhecida em Jundiaí e em São Paulo, e Antenor Rossi, ninguém sabe, só os amigos mais chegados. A causa de eu estar aqui é que Antenor Rossi, sua senhora, dona Yole, e seus filhos me convidaram para que viesse passar aqui com a minha senhora uns dias, onde eu tenho vindo há muitos anos, desde os tempos da Cantina do Romeu, e tenho um grande carinho pela sua terra. E agora, o resto que vocês queiram perguntar, você chama-se mesmo como?

J-2.a — O Jornal de 2.a inaugura uma época nova, com posições novas, críticas novas, enfim, uma série de novas atitudes diante de

um antigo problema que é a comunicação. Nós temos a grata satisfação de pegar logo de cara um respeitável, admirável, tradicional e sempre novo Sílvio Caldas. Nossa primeira pergunta: Como é que Sílvio Caldas se coloca diante da moderna música popular brasileira?

S. C. — Vocês escolheram o coroa Sílvio Caldas pra fazer um jornal novo. Os agradecimentos meus e da família da MPB. Eu me encontro perfeitamente à vontade, porque desde o início da bossa nova, que não é uma coisa nova, quando foi um movimento moderno na música popular, mas não nova, porque já foi mais do que provado, tem história pra contar, que o Mário Reis já cantava daquela forma, vocês jovens sabem disso. O sincopado sempre houve, isto é milenar. De maneira que me sinto devidamente à vontade já por essa razão. E da forma que eu sou recebido e respeitado, antes, durante e depois desse movimento de música jovem — que eles chamam de moderna, mas não é, que de moderna não tem nada, é música de juventude, isto sim. Eu me sinto

perfeitamente bem, e para que isso seja comprovado o meu Especial na Universidade Estadual da Guanabara, com quase cinco mil alunos me aplaudindo de pé, cada música que eu terminava. E onde quer que eu vá há muitos anos que isso acontece. De Manaus ao Rio Grande do Sul, sou parado nas ruas para dar autógrafos.

J-2.a — Será que a juventude não gosta do Sílvio Caldas apenas porque nostalgia está na moda? Não estaria a juventude o comparando todo o talento de um Sílvio Caldas, como tem comprado Bonny and Clyde e outras idiotices importadas?

S. C. — Olha, você tocou num ponto básico da coisa pra mim, de ver dentro do meu conhecimento, daquilo que eu penso. Realmente existe um movimento de nostalgia na música popular. E também atrás disso, depois disso ou por causa disso, as roupas, a pintura da mulher, que voltou a ser a melindrosa daqueles tempos. Segundo aquilo que eu imagino, dentro da minha experiência, acredito que seja, a grande influência disso tudo, a grande

parte, são interesses financeiros, em toda parte do mundo. Porque a música que domina o mundo, a música popular, é a música americana, a francesa, a italiana e há um interesse grande das gravadoras desses países todos de criarem o termo nostalgia. Então, ir nos seus baús e trazer para a juventude uma música que foi realmente uma das melhores que o mundo já fez das décadas de 30 pra cá. Mas não deixa de ser uma coisa muito boa para aqueles como vocês jovens, que não conheciam nada daquilo, é realmente uma oportunidade que a juventude tem, não só do Brasil, mas de todas as partes do mundo, de fazer aquilo que eu venho fazendo há mais de vinte anos; dar uma espécie de aula de música popular, contando histórias, fatos, coisas verdadeiras, anedotas, tudo dentro do espírito da música popular. E no meu Especial lá na UEG, eu disse numa oportunidade que eu não hei de morrer sem ver um sonho meu realizado, que é ter uma cadeira de música popular como ensino obrigatório em cada universidade do Brasil.

Por isso que é gostoso esse negócio de nostalgia, que, poderia dizer, que a juventude está gamada por isso.

"É um atavismo: todo brasileiro é um sentimental".

J-2.a — Na minha opinião o romantismo é um componente do brasileiro: a gente já passou, está passando e vai passar por ele. O que você acha desse componente para o sucesso de sua música?

SC — É, em primeiro lugar eu nunca abandonei o meu repertório. Nunca fui um artista de estar trocando de repertório. Em segundo lugar, eu sempre fui de escolher muito bem o meu repertório. E em terceiro lugar, a autenticidade que eu procuro dar faz com que eu me integre à música que eu estou cantando. Talvez por isso o meu repertório, romântico, esteja atravessando três gerações. O romantismo está dentro de nós, como você diz, principalmente o brasileiro, descendente de africanos, de negro como eu.

J-2.a — "Chão de estrelas" é a música que mais fala pra você?

SC — Eu vou responder dentro daquilo que você quer saber e um pouco mais. Eu vou contar o porquê do "Chão de estrelas". Indo ao Rio de Janeiro, fazendo uma temporada com Carlos Machado, fui ao Café Nice, e o Orestes Barbosa chamou-me à parte da turma e me levou para baixo de um daqueles oitões da avenida Rio Branco e me disse: "Olha, eu fiz uma letra, mas já vou lhe dizer que não é para musicar, porque o povo não canta decassílabo". Eu digo: "Mas, Orestes, o que é decassílabo?" Ele então fez a contagem e me mostrou como se fazia um verso decassílabo. E depois me disse: "Olha, o povo só canta quadras e sextilhas, por causa da musicalidade do verso". E disse uma quadra qualquer, um verso que é de uma canção nossa: "Vou me mudar solitante/do apartamento elegante/que tem do antigo fulgor/lindos biombos ornados/de crisantemos dourados/cenários do nosso amor." E a tônica está aqui, olha! E eu disse:

(continua na pag. seguinte)



(conclusão da pag. anterior)
 "Eu só conheço água tônica, e assim mesmo com gin". E me deu a letra. Como não podia deixar de ser, me arrepiei.

"O Orestes deixava para mim sempre a escolha dos títulos das músicas que nós fizemos juntos. Eu coloquei aquilo no bolso, musiquei e vim para São Paulo, aonde moro há mais de 50 anos. Levei aqueles versos para a casa do grande poeta Guilherme de Almeida, onde eu ia sempre dar as primeiras audições. Comecei a cantar, e a cada vez que eu cantava eles pediam que reprisasse a "Sonoridade que acabou". Depois de muita discussão entre Menotti Del Picchia, Guilherme e outros, o Guilherme pediu pra que eu mudasse o título: "Sílvio, bota lá "Chão de estrelas". E assim ficou batizada a minha "Sonoridade que acabou". Não é realmente a canção que eu mais gosto como compositor. Eu gosto mesmo é de "Andorinha". É uma marcha que eu tenho, que diz: "Andorinha, teu verão está longe/longe está o meu amor/eu canto eu choro e a saúde me traz/Andorinha, bailarina serena...".

J-2.a — Qual o bairro que você mais gosta em Jundiaí?

SC — Eu não posso dizer qual é o bairro que eu mais gosto, mas

o lugar que eu gosto de ir para comer o meu frango, a minha polenta cortada com linha, aquele vinho típico, aquele moinho que faz o fubá para fazer a polenta, é o Spiandorello.

J-2.a — Você não acha que existe uma grande semelhança entre a Ponte São João e a Lapa, tanto do Rio quanto de São Paulo?

SC — É verdade. Você veja que coisa curiosa. Ali é tão popular, aquele movimento de gente um pouco diferente, com essa maneira de vestir, essa maneira de andar, essa maneira de estar no bar, enfim, a andança, os movimentos de rua, de alguns cantos, de determinados bares, são diferentes de outros. Até deixei lá o meu carro hoje. Depois fomos até a Associação jogar um "taradinho".

J-2.a — Você é bom parceiro de jogo?

SC — Eu sou bom porque não choro, não reclamo, perco meu dinheiro, ganho e às vezes não faço muita questão de receber.

J-2.a — Você joga só com as cartas, ou briga um pouco, faz uma "guerrinha"?

SC — Não, meu negócio, isso eu não faço. Bati, mostro. Se bronquear em jogo adiantasse alguma coisa, eu ganharia deles todos, porque eu sou cantor e lógica de pulmão eu tenho melhor que a deles.

J-2.a — Você é pau-

lista ou carioca?

SC — Eu nasci no Rio de Janeiro, em São Cristóvão, capital da República na época.

J-2.a — Faz muito tempo isso ou não?

SC — Ora, eu vou te dizer. Isso deve fazer, de um lado 35, o outro lado eu estou até esquecendo. Basta eu dizer pra você que eu vim para São Paulo em 1924.

J-2.a — E por que você veio para São Paulo?

SC — Porque eu queria vir a São Paulo.

J-2.a — Foi aí que você começou a usar essa botina?

SC — Ah é! Eu vim para São Paulo e fui para o Interior. Fui até a divisa com o Paraná transportar madeira. Havia muito cedro, peróba, aqui no Interior, e eu trabalhei com um caminhão, trabalhei lavando peneira, trabalhei na telefônica, oficina mecânica, e tudo. Por isso já usava bota nessa época, a rangeadeira, uma bota amarela.

J-2.a — E a boemia, onde andou?

SC — O boêmio saudável é aquele que trabalha. Porque a época em que o homem chamado de boêmio era o poeta que vivia cheio de caspa, vivia aqui e ali, essa época já passou. De maneira que eu continuo poeta, cantor, boêmio e trabalhador.

J-2.a — E quanto aos seus admiradores: O

Sílvio Caldas fazia estourar corações por aí?

SC — Nunca tive esse tipo de público, apesar de ter sido criado na época do Frank Sinatra que entrou para substituir o Bing Crosby. Isso foi criado através do rádio americano. Contratavam moças para desmaiarem em determinados trechos da canção. Aqui no Brasil teve muito disso. Mas o Orlando Silva teve, espontaneamente, não havia na época dele, jovem ainda. Aqui em São Paulo ele cantava numa praça para 40 mil pessoas, e senhoras e moças levavam tesoura para cortar sua gravata, pedaços de sua roupa. É verdade isso. Comigo não.

"Vai daqui também um pouco de propaganda para meu último samba: "Procissão de Saudades".

J-2.a — Nessa época você estava na Rádio Mayrink Veiga. Quais eram os seus colegas?

SC — Eu fazia parte do "cast" que tinha a Carmem Miranda, Lamartine Babo, Mário Reis, Cyro Monteiro, Luiz Barbosa, enfim, um grande número de artistas.

J-2.a — Nessa época era o Governo Vargas.

Ele deu muito incentivo, fez muita coisa, em termos de profissionalização do artista?

SC — Ele criou, inclusive, a Lei Getúlio Vargas, a lei dos 2/3, que obrigava cada orquestra a ter dois terços de músicos brasileiros, assim como os programas de rádio, teatros, eram obrigados a ter música brasileira.

J-2.a — Algum outro governo fez o mesmo?

SC — Teve, lógico, teve sim, como não? O J.K. fez muito, o Governo atual está fazendo muito, através do ministro Ney Braga. Eu falei em Vargas, mas eu não sou, ao contrário de muitos colegas meus, funcionário público, que conseguiram isso através de amizades com o Getúlio, a Alzirinha e o Jango. Sou amigo deles, mas sou Washington Luiz.

J-2.a — No início de nossa conversa, você se emocionou falando em comida. Você mencionou um espaguete que souu como um decassilabo. Num "mano a mano", quem ganha: o Sílvio poeta ou o Sílvio Caldas gastrônomo, cozinheiro renomado?

SC — Existem duas coisas das quais eu sou mascarado: é de cozinheiro e pescador. Mas sou um cozinheiro refinado, sou um cozinheiro do trivial. Pela culinária, eu vou fazer um quadro no "Fantástico", todos os domingos, na TV Globo, que se cha-

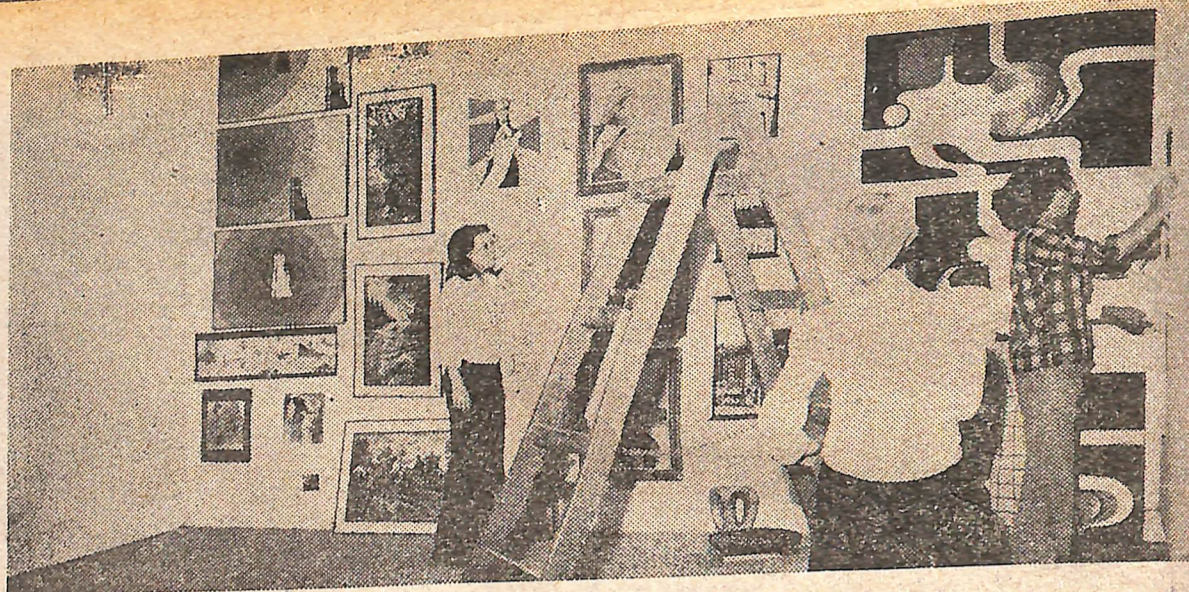
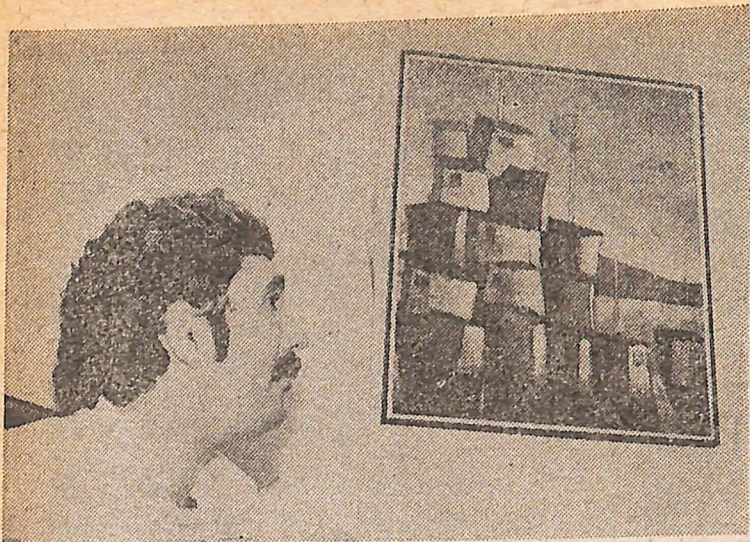
ma "Um prato e uma canção".

J-2.a — Aproveitando suas andanças, conte duas histórias pitorescas.

SC — Aqui em São Paulo eu já contei; foi aquele do Chão de Estrelas, essa história pouca gente sabe e é verdadeira. E tem aquela do Ary Barroso. Estávamos num bar muito conhecido do Rio de Janeiro, o Bar Delas, um bar de boêmios e artistas, no meio de Aroldo Barbosa, Fernando Lobo, Antônio Maria, o Paulinho Mendes Campos. Nisto entra uma senhora e reconhece o Ary Barroso, que estava com um copo na mão. Chega pra ele e diz: "Eu sempre tive muita vontade de te conhecer, também sou mineira, sou ali de Rio Branco, perto de Ubá, mas estou muito admirada, o senhor nunca fez uma música para Ubá, nem nada. Aí ele pegou o copo e disse assim: "Mas se algum dia, talvez, a saudade apertar, não se perturbe, afogue a saudade nos copos de Ubá! Olha aí, minha senhora, é uma música para Ubá."

J-2.a — Sílvio, você nunca pensou em escrever suas memórias?

SC — Não, eu sou muito mais boêmio, muito relaxado e não me importa muito o faturamento. Também não me preocupa muito a parte de muita projeção assim como escrever um livro.



HOJE É DIA DE ARTE? OH, YEAH!

Está aberto o espetáculo. Como num grande, imenso circo, as peças estão chegando, embrulhadas, acomodadas em embalagens onde a tônica é o frágil. O salão imenso, nas dependências do Parque Comendador Antônio Carbonari, torna-se pequeno, sem espaço para que os sete funcionários possam trabalhar, circular tentando dispor as obras para a pré-exposição, nas paredes, nos cantos, em grandes pilhas. São ao todo seiscentas inscrições? Ninguém pode ainda afirmar. Imaginando-se esta cifra, multiplique-as por três, o número de obras exigidas para o concurso de qualquer artista inscrito. E tem coisa do Japão, da França, do Equador, Estados Unidos e México. Vrrrrrom, passa Emerson.

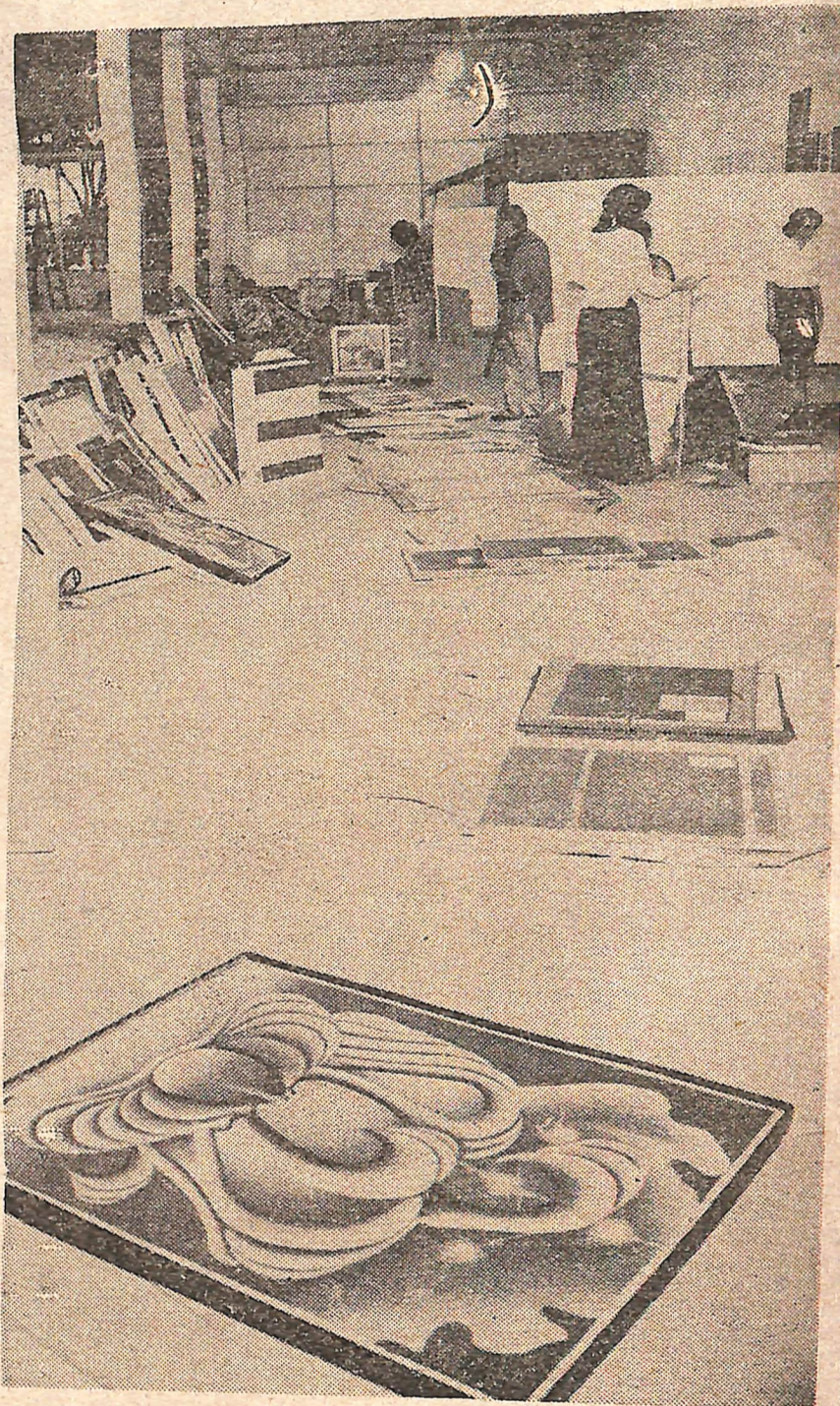
"Dizer da representatividade do IV Encontro Jundiense de Arte, torna-se quase desnecessário, porque se trata de um evento artístico que, de ano para ano, deitas as suas raízes, um evento que, por si só, diz tudo, e que se constitui um baluarte para Jundiá". Com estas assertivas a Prefeitura Municipal de Jundiá inicia seu comunicado público que justifica a sua atual macro-apresentação. Ano passado não teve. Mas em seguida destacamos do comunicado: — "É nos impossível grifar nomes que colaboraram em anos anteriores e engrandeceram, sobremaneira, tal realização, pois palavras nunca serão suficientemente eloquentes para manifestarem o nosso agradecimento, e, em virtude disto, resta-nos somente, os lábios mudos que transferem para os olhos a missão do sinceramente obrigado".

Só que ano retrásado não teve tal encontro. Esqueceram de marcar, ou quem foi que se atrasou, e na clássica figura jogou as flores fora? Desta vez que lhe mande coroas, de mais peso, já que tal Encontro é defesado. Mas, assim mesmo

esté ano, teremos espetáculo. Devem acorrer inúmeros visitantes, grandes personalidades da Arte (que aqui Arte seja apenas pintura e escultura), quando o grande aviso vem em forma de um "press-release", de um concurso de cartazes e de um convite feito a quem já havia organizado anteriormente os demais Encontros. Enfim, temos um passado artístico. Ainda que remoto. Vivo ainda, no esforço, com algumas alterações de conteúdo, de alguns, um verdadeiro punhado de bravos que apesar de tudo, ainda trabalha. Dito isto, nos preocupamos com tamanho projeto impacto. O Júri de Seleção (será o mesmo de premiação?) será assim constituído: sra. Neyde Bonfiglioli, L.E.M. Kawall, Harry Laus, E. Kanan e Eurico Shaffer, a se confirmar. Gostaríamos de alertar aos prezadíssimos senhores, membros do Júri, que está se formando, incipientemente, um movimento atual de artistas deste metier que irão procurar espaço nesta exposição. Gostaríamos de informar também que a cidade ainda carece de maiores informações sobre os movimentos da arte brasileira (?) e tantas outras dos movimentos artísticos internacionais. E por eles pedimos, medrosamente, complacência. Qualquer um deles pode virar, apesar disto tudo.

E nesta altura, com grandes concorrentes, com as paredes todas tomadas, quando a banda anunciar o início deste "show da vida", que conla desta feita com uma verba cinquenta vezes mais polpuda, em que pese as atuais taxas de correção monetária incidentes, a coisa nos parece exagerada. Maior que somos, maior que estamos, mas nunca maior do que fomos, que disto não temos memória. Orlando Orfei também já esteve em Jundiá, mas nunca um Vostok. O Auto Peças Franco já expôs automóveis no Parque, mas nunca um zero Fórmula-Um. Quer dizer, vamos lá, vamos ver, já que existe.

E. S. F.



HORÓSCOPO

PROFA. ZULEIKA

Áries (21-3 a 20-4) — Você ganhou muita importância, depois do dia 13. Muita gente famosa anda contando você, em noites de insônia. Parabéns, carneirinho, mas cuidado com o lobo, hem!

Touro (21-4 a 21-5) — Você não sabia a força que tinha, não é mesmo? No entanto, foi à convenção, votou certo e pronto: foi o maior olé dos últimos anos.

Gêmeos (22-5 a 21-6) — De mãozinhas dadas, passeando por aí, como

se nada houvesse, né? Pois saibam que essas figueiras lindas, sob as quais vocês estão, poderão ser derrubadas sem mais nem menos. Vocês vão deixar, é?

Câncer (22-6 a 20-7) — Nada é incurável, meu filho. Você viu como a coisa já regrediu bem, a partir do dia 13. São os astros, são os astros...

Leão (21-7 a 20-8) — Você berrou, disse pra todo mundo que era o "rei". No entanto, levou a pior. Perca a majestade, leonino. Ninguém mais quer saber

de "rei das selvas". Tem até "rei do asfalto" dando zebra por aí, meu filho.

Virgem (21-8 a 20-9) — Sua posição-está dificultando as coisas. Mexa-se, como diz a Globo. Você nada tem a perder. Já o pessoal do "status quo"...

Libra (21-9 a 20-10) — Aproveite as férias e vá ao Instituto de Pesos e Medidas para um "check-up". Talvez depois você consiga ponderar melhor sobre umas cotações que andam se fazendo por aí (preço do asfalto, con-

corrências, coisas assim).

Escorpião (21-10 a 20-11) — Pare de se cotucar. Não é justo que você fique se envenenando só porque sua chapa perdeu. Democracia às vezes dá des-sas, Scórpio.

Sagitário (22-11 a 20-12) — Aproveite o vigor do seu físico, dê um galope até Rio Claro e confira você mesmo: o asfalto é igual, as ruas são iguais. Só o preço é diferente. E não culpe o Zodíaco, não!

Capricórnio (21-12 a 20-1) — Não, meu fi-

lho, o seu Trópico não será taxado com acréscimo de 1.000%. Sua sorte é que ele passa fora dos limites da cidade. Sorte sua.

Aquário (21-1 a 20-2) — Calma, minha filha. Eu sei que vocês são do futuro, coisa e tal. Mas aquela assinatura discordando do asfalto não tem nada a ver com 2001. No máximo, aquilo é 1984.

Peixes (21-2 a 20-3) — Você está frito. Muita gente está frita. É como dizia Netuno: "Deixa estar jacaré, que a lagoa há de secar." Secou, ué!